

HOMILIA BÍBLICA

TEMA: «Mesmo uma só destas crianças»

Irmãos e Irmãs,

Há mais de um século que, todos os anos, a Igreja celebra o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. O tema escolhido pelo Papa Leão XIV para este 112º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (DMMR) é extremamente interpelante: «Mesmo uma só destas crianças». Esta palavra de Deus remete para o Evangelho de Mateus 18,5: «E quem receber um destes meninos, em Meu nome, é a Mim que recebe».

Eis um desafio e um apelo que nos são dirigidos num contexto mundial marcado por uma insegurança real. Experimentamos a fragilidade humana a todos os níveis. Somos chamados a agir a favor dos mais pequenos, mas também nós, pela nossa parte, somos pessoas vulneráveis, à espera da consolação de Deus.

1. Jesus, este pequenino que somos chamados a acolher em nós, apesar dos novos desafios colocados pelo contexto migratório

Jesus indicou sempre o caminho que Ele próprio percorreu primeiro. Quando nos convida a acolher os mais pequenos, convida-nos a acolhê-Lo a Ele mesmo, que se fez pequeno, migrante, refugiado, pobre e despojado, para «nos enriquecer com a sua pobreza». Ele próprio é o pequeno pobre que bate à nossa porta para ser acolhido. (A fuga para o Egito Mt 2,13-15).

Mas Jesus acrescenta ainda outra palavra, muito importante: «Quem acolher este menino em meu nome, é a Mim que acolhe; e quem Me acolher a Mim, acolhe aquele que Me enviou» (Lc 9,48). Quem acolhe o Senhor Jesus recebe a força para acolher aqueles que Ele considera seus amigos prediletos: as crianças, os pobres, os mais vulneráveis, como os migrantes e os refugiados. O caminho seguro que conduz a Deus passa pelo cuidado dos mais pequenos. O seu acolhimento é uma etapa necessária para nos dirigirmos a Deus, que se fez um de nós, em Jesus. Ele abre-nos assim o caminho da infância vivida na fé, alimentada pela esperança e concretizada na proximidade aos mais pequenos e aos mais frágeis.

2. Por que razão é urgente acolhê-lo? «Quando o pobre invoca o Senhor, Ele atende-o» Sl 34 (33)

Como nos recorda a Sagrada Escritura, «A misericórdia do Senhor não acaba, não se esgota a Sua compaixão. Cada manhã ela se renova» (Lm 3,22-23).

Deus permanece sempre fiel, nunca deixa de amar os seus filhos. A sua misericórdia não se esgota, apesar das nossas fraquezas, dos nossos sofrimentos ou dos nossos erros. Cada novo dia é uma graça que nos oferece a possibilidade de recomeçar com esperança. Deus caminha connosco, consola-nos e ajuda-nos a erguer-nos nas nossas

dificuldades (Ex 3,7-8). Esta palavra convida-nos também a que, seguindo o Seu exemplo, nos tornemos testemunhas da Sua compaixão para com os nossos irmãos e irmãs, sobretudo para com os mais vulneráveis. Abramos os olhos para ver o sofrimento dos pequenos migrantes que gritam no meio da sua angústia; e, sobretudo, vamos ao seu encontro para os ajudar. Cuidemos de «todos os habitantes das periferias existenciais, migrantes ou refugiados», porque «tudo o que fizestes a um só destes meus irmãos mais pequeninos, foi a Mim que o fizestes» (Mt 25,40).

3. Mas quais os desafios a que devemos prestar atenção?

A Palavra de Deus ensina-nos que o mal não é uma realidade nova. Desde as primeiras páginas da Sagrada Escritura, a violência penetra no coração do homem e produz sofrimento. «A Terra estava corrompida diante de Deus e cheia de violência» (Gn 6,11). Ainda hoje vivemos num mundo de violência, e as crianças são as suas primeiras vítimas. O seu clamor chega até Deus, como o clamor do povo oprimido no Egito: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor» (Ex 3,7). Deus não permanece indiferente perante as lágrimas dos mais pequenos. Vivemos também num mundo que ostenta o poder. Mas a Sagrada Escritura mostra-nos que o poder, quando não é vivido como serviço, transforma-se em opressão. O faraó oprimia Israel (Ex 1,8-14); o rei Herodes, para conservar o seu trono, ordenou o massacre dos inocentes (Mt 2,16-18). O próprio Jesus, ainda criança, teve de fugir para o Egito com Maria e José (Mt 2,13-15). Ele partilhou a condição da criança migrante e refugiada. Por isso, as crianças migrantes de hoje são as primeiras vítimas de todas as formas de poder que humilham, excluem e obrigam a fugir. O seu caminho está cheio de riscos físicos. Atravessam o mar, o deserto, o frio e a fome, em busca de uma vida segura. A Bíblia conhece bem esta experiência. Israel caminhou pelo deserto entre provações, fome e sede (Ex 16,2-3; Dt 8,2-4), e o Senhor fez-Se companheiro do seu povo. Também o salmista proclama: «Na minha angústia clamei ao Senhor, e Ele ouviu-me» (Sl 120,1). Quantas crianças percorrem hoje caminhos de sofrimento, esperando que alguém escute o seu clamor!

A sede de riqueza e de poder continua a gerar guerras e divisões. O apóstolo Tiago pergunta: «De onde vêm as guerras e as lutas que há entre vós? Não vêm, precisamente, das vossas paixões?» (Tg 4,1-2). Os profetas denunciam com veemência aqueles que esmagam os mais fracos: «Ai dos que decretam leis injustas... dos que afastam os pobres do tribunal» (Is 10,1-2); «Vendem o justo por dinheiro e o pobre por um par de sandálias» (Am 2,6). Neste contexto, muitas crianças caem nas mãos de traficantes, são vítimas de tráfico, violência e graves formas de exploração, porque a sua fragilidade é transformada numa oportunidade de lucro. Mas Deus escuta o seu clamor e pedirá contas de toda a injustiça (Sb 6,1-8; Pr 31,8-9).

Por não terem uma pátria estável, muitas crianças vagueiam em busca da sobrevivência. A sua história evoca a de Abraão, chamado a deixar a sua terra (Gn



12,1), a do povo de Israel peregrino no deserto (Dt 26,5-9) e a da Sagrada Família, obrigada ao exílio (Mt 2,13-15). Trazem no coração feridas invisíveis: o trauma da separação, a perda de referências, a saudade das suas origens e a falta do mínimo necessário. Contudo, o Senhor permanece fiel: «O Senhor protege os que vivem em terra estranha e ampara o órfão e a viúva» (Sl 146,9).

Perante esta realidade, a Sagrada Escritura não nos deixa ficar meros espectadores. O Senhor ordena ao seu povo: «Amarás o estrangeiro, porque foste estrangeiro na terra do Egito» (Dt 10,19); «Não usarás de violência contra o estrangeiro residente nem o oprimirás, porque foste estrangeiro residente na terra do Egito» (Ex 22,20); «O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas e amá-lo-ás como a ti mesmo» (Lv 19,34). Restituir a estas crianças a sua humanidade significa reconhecer a dignidade que Deus imprimiu em cada uma delas desde a criação (Gn 1,26-27), sem deixar ninguém de fora. Por isso, Jesus identifica-Se com os mais pequenos: «Quem receber um destes meninos, em Meu nome, é a Mim que recebe» (Mt 18,5); «Era peregrino e recolhestes-me» (Mt 25,35). Acolher uma criança migrante não é apenas um gesto de solidariedade: é um encontro com o próprio Cristo, presente no rosto do pequeno, do pobre e do estrangeiro.

4. As respostas urgentes e eficazes ao fenómeno migratório, uma grave ameaça aos direitos e à dignidade das crianças e dos mais pequenos

A parábola do Bom Samaritano ensina-nos que o próximo é todo aquele que precisa da nossa ajuda, sem distinção de nacionalidade, religião ou origem, e sem olhar para o grupo a que pertence. Assim como o Samaritano para, cuida do homem ferido e lhe oferece uma ajuda concreta, também hoje somos chamados a cuidar dos migrantes, sobretudo das crianças e dos mais vulneráveis. Muitas vezes, eles fogem de guerras, da pobreza e de perseguições, correndo o risco de ver os seus direitos e a sua dignidade violados. Jesus convida-nos a não «passar adiante», como o sacerdote e o levita, mas a reagir com compaixão, solidariedade e ações eficazes que garantam acolhimento, proteção e respeito pela pessoa. O mandamento final de Jesus, «Vai e faz tu também o mesmo», recorda-nos que o amor ao próximo se demonstra através de gestos concretos para com os necessitados (cf. Lc 10, 29-37). Não podemos permanecer insensíveis, com o coração anestesiado, diante da miséria de tantos inocentes. Não podemos deixar de chorar. Não podemos deixar de reagir. Peçamos ao Senhor a graça de chorar, de derramar lágrimas que convertam os nossos corações.

5. A solicitude da Igreja para com os menores migrantes recorda-nos o dever do acolhimento, como ensina o Evangelho

A solicitude da Igreja para com os menores migrantes não nasce unicamente de uma preocupação humanitária, mas antes encontra o seu fundamento no mistério da Encarnação. Em Jesus Cristo, Deus fez-se próximo de todas as pessoas, sobretudo dos mais pequenos e dos mais vulneráveis. Por isso, o Senhor afirma: «Quem receber

um destes meninos, em Meu nome, é a Mim que recebe» (Mt 18,5). A criança migrante não é apenas destinatária da nossa solidariedade, mas é o próprio rosto de Cristo que pede para ser acolhido.

À luz do Evangelho, acolher um menor migrante significa reconhecer a sua dignidade de filho de Deus, criado à sua imagem (Gn 1,27).

Convido-vos a olhar para cada criança com o olhar de Deus, que «olha o coração» (1Sam 16,7) e a não permitir que ninguém seja excluído do amor da Igreja. Peço-vos que defendais os mais pequenos da violência, do tráfico e de todas as formas de exploração, recordando a exortação da Sagrada Escritura: «Abre a tua boca a favor do mudo» (Pr 31).

Exorto-vos a acompanhá-los com a compaixão do Bom Samaritano (Lc 10,33-35), oferecendo-lhes proximidade, consolação e esperança (2Cor 1,3-4). Encorajo-vos também a construir comunidades onde cada criança possa sentir-se acolhida como filha de Deus e irmã de todos (Gl 3,26-28), transformando cada gesto de caridade numa semente do Reino, destinada a dar fruto (Mc 4,30-32).

Confio esta missão a toda a Igreja: cuidar das crianças migrantes significa tornar visível o amor de Cristo e testemunhar o Evangelho com a vida.

6. Conclusão

Não nos esqueçamos de que somos «estrangeiros e peregrinos sobre a terra» (Heb 11,13), porque «a cidade a que pertencemos está nos céus» (Fl 3,20). Esta verdade torna-nos mais humildes e mais fraternos para com aqueles que procuram uma casa, paz e esperança. Ao acolhermos as crianças migrantes e refugiadas, tornamo-nos testemunhas do amor de Deus e contribuímos para edificar uma Igreja cada vez mais fraterna, onde ninguém é considerado estrangeiro, porque «já não sois estrangeiros nem imigrantes, mas sois concidadãos dos santos e membros da casa de Deus» (Ef 2,19).

Peçamos ao Senhor que nos conceda um coração novo (Ez 36,26): um coração que veja com misericórdia, escute com atenção, acolha com alegria, proteja com amor e sirva com humildade. Assim seremos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo, porque «por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13,35).

Confiemos, por fim, todos os migrantes, refugiados e as suas famílias à intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria. Ela, juntamente com São José, guardou com amor o Menino Jesus e viveu as provações da vida com fé e esperança. Que Ela acompanhe o caminho daqueles que vivem longe da sua terra e nos ajude a ser «pacificadores» (Mt 5,9), para que a Igreja seja sempre sinal da presença de Cristo e reflexo do seu amor misericordioso no mundo.

Ámen.

**Dia Mundial do
Migrante e do
Refugiado
27-IX-2026**



"Mesmo uma só destas crianças"